

# Repercussão das saídas de Sarney

GAZETA MERCANTIL

14 JUL 1986

por Sérgio Garschagen  
de Brasília

No próximo dia 28, o presidente José Sarney viajará para a Argentina. Em setembro, visitará os Estados Unidos e o próprio ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré, já admitiu durante a visita ao Vaticano, na semana passada, que o presidente deverá viajar a outros países, como França e Alemanha. No Palácio do Planalto, correm rumores de que José Sarney pretende, até 31 de janeiro próximo, manter conversações com os dirigentes da Índia e da China Popular.

Essa série de viagens já vem merecendo a atenção de setores políticos da situação, que defendem um engajamento do presidente na campanha, e da oposição, que interpreta as au-

séncias do País como uma clara manobra destinada a evitar uma participação direta do presidente em alguns estados-chave, onde a Aliança Democrática ou os candidatos situacionistas não têm nenhuma chance de vitória. Essa interpretação foi feita sexta-feira a este jornal pelo líder do PDS, deputado Amaral Netto, que faz ainda uma ligação "sintomática" entre essas viagens e o pedido de ausência, aprovado pela Câmara no esforço concentrado e válido durante os próximos seis meses (31 de janeiro de 1987).

Para Amaral Netto, nos estados mais importantes, como São Paulo e Rio de Janeiro, o PMDB está seriamente ameaçado. Em outros, como Minas, Pernambuco e Rio Grande do Sul, o quadro sucessório

ainda é impreciso, e Sarney não deseja correr o risco de, caso os candidatos simpatícios à Nova República percam as eleições, ver o seu prestígio diminuído.

Parcialmente, essa análise do líder oposicionista é endossada por analistas do Palácio. Um assessor do presidente Sarney explicou que, apesar das afirmações oficiais de que o presidente só apoia os candidatos nos estados onde a Aliança Democrática esteja realmente formada, a verdade é que ele só se engajará na campanha quando houver uma "nítida definição" nos quadros sucessórios estaduais. E o caso aparente do Maranhão, onde Sarney já subiu no palanque do candidato Cafeteira. "Se partici-

par agora, o governo terá de negociar, pagando um preço muito alto. Essas negociações devem ser feitas pelos líderes partidários, como Ulysses Guimarães, em São Paulo, ou encaminhadas pelo chefe do Gabinete Civil, ministro Marco Maciel", explicou ainda o mesmo assessor.

A expectativa é de que o presidente só não sairá do Brasil nos trinta dias que antecedem as eleições, confidenciou o mesmo assessor. Pelo menos essa era a pretensão inicial do Planalto, uma vez que a maioria das viagens ao exterior será realizada no segundo semestre. Apenas uma delas — China ou Índia — deverá sair após as eleições.